PASSOS DA SERIEDADE CRÍTICA

Cristiano Augusto da Silva Jutgla

Universidade de São Paulo

Doutor em Literatura Brasileira

crisaug2005@yahoo.com.br

Tratar brevemente de (mais um?) livro sobre a poesia de um certo poeta itabirano soe, talvez, chover no molhado, frente à sua imensa fortuna crítica. Contudo, não seria forçoso dizer que o tempo auxilia na depuração não só de obras literárias, mas também em obras sobre obras literárias, ou seja, a crítica e a teoria literária de qualidade se fazem com disciplina, sensibilidade e maturação. Três qualidades explícitas em *Passos de Drummond* (VILLAÇA, 2006), de Alcides Villaça, recentemente lançado, que o tornam um clássico já em seu nascimento, para retomar uma feliz imagem de Antonio Candido sobre *Raízes do Brasil*, livro de Sergio Buarque de Holanda.

Passos de Drummond compõem-se de cinco densos e cuidadosos ensaios que procuram, conforme o título da obra, seguir, cronologicamente falando, a produção poética drummondiana; Villaça não pretende dar cabo de todos os livros, mas de questões presentes em todos os mesmos livros, as quais, a seu ver, seriam cruciais na poética em questão.

Estamos, pois, diante de um livro advindo de uma maturação, posto que as idéias apresentadas não surgem de anseios de última hora. Pelo contrário, sua força reside no fato de Villaça os ter elaborado pacientemente por vários anos, com a mesma disciplina e rigor com que ministra suas aulas sobre poesia brasileira. Daí sabermos sem torneos que seus ensaios têm origem “nas anotações para

os cursos sobre Drummond que venho ministrando na USP (e, num certo momento, também na UNICAMP) desde a década de 70". (idem, p. 7)

Villaça deita-se sobre o conjunto da obra de modo a encontrar e analisar determinadas categorias configuradoras da poética drummondiana bem como suas recorrências como, por exemplo, o *gauchismo*. Eis aqui a razão de afirmar na abertura de seu trabalho: "Disponho a leitura segundo a cronologia dos poemas escolhidos para estudo. A intenção é valorizar alguns momentos da seqüência biográfica, histórica e estética trilhada pelo poeta, de *Alguma poesia* a *Farewell*". (idem, ibidem)

Apesar de sua íntima conexão, os ensaios permitem, caso necessite o leitor, contato em separado, o que se mostra até certo ponto produtivo como obra de referência, contudo, como afirma o autor, há um projeto cronológico na análise e a argumentação passo a passo convida-nos a seguir Villaça. Assim, além da quase obrigatória leitura integral que o modo seqüencial de exposição da matéria, soma-se a límpida exposição e re-visão urgente de conceitos por vezes cristalizados nos debates sobre Drummond, como, por exemplo, o já citado *gauchismo*.

Villaça estabelece uma caminhada, e faz sentido respeitá-la caso deseje o leitor compreender como os vários anos de trabalho com a lírica drummondiana e brasileira confirmam o que Wisnik percebe no ensaísta de "leitura finíssima". (WISNIK, 2005, p. 63)

Importante notar que o título, sem artigo, definido ou indefinido, demonstra a escolha de alguns (não todos) instantes de tensão na poesia do escritor mineiro. Ao final da leitura Villaça estabelece, de fato, um arco analítico que cobre problemas do poeta mineiro.

A escolha desta perspectiva para sua discussão, qual seja, a recorrência problemática (porque não contínua) de certas categorias em toda a lírica drummondiana se faz rara dentre a fortuna crítica do escritor, uma vez que em parte dos textos críticos sobre Drummond tais categorias são analisadas como se fossem estanques ao longo das obras. Basta ver a definição e o alerta dado pelo ensaísta sobre a, talvez, mais recorrente das categorias: "O *gauchismo* não é apenas a face da insuficiência, mas a certeza ativa da impossibilidade de administração de contradições". (VILLAÇA, 2006, p. 15)

Villaça percebe profundas variações do *gauche* de um livro para outro, isto quando não de um poema para outro, característica que intensifica o que o autor chama de "dramática insuficiência", "incompletude":

A compreensão da poesia de Drummond pede o reconhecimento do eixo básico de tensões, no qual ela se sustenta em seus mais variados movimentos. Tal reconhecimento é delicado e sujeito a algum reducionismo, já que pretende distinguir o que seria permanente em meio às múltiplas polarizações de atitudes, temas, humores, estilos do poeta. (...) Quem fala em "eixo de tensões" dá de barato a inclinação dramática da per-

sonalidade do poeta e as oscilações que se realizam em sua linguagem; mas que específico drama em movimento anima essa voz moderna, entre as mais intensas da poesia do século XX? (idem, p. 136)

Na mesma linha da “falta”, há referências à outra categoria que, embora não seja, um traço exclusivo de Drummond, apresenta-se bastante demarcada em sua lírica, sendo comentada, ainda que brevemente por Villaça, para infelicidade do leitor. Seria uma sugestão de aprofundamento futuro. No campo semântico da *falta* surge outra categoria, no caso, *fragmentação*, passagem em que é impossível não perceber a interlocução com a Escola de Frankfurt, especialmente com Adorno e Benjamin:

É difícil falar do fragmentário sem despertar alguma alusão às danificações do tempo, do espaço e da vida modernos. O fragmentário foi elevado à categoria estética da modernidade, espelhando perspectivas distintas e simultâneas, percepções dissonantes, experiências de fratura. Como já vimos, o poeta Drummond surgiu em livro expondo as arestas incongruentes de sua personalidade, de seu estilo, de seu mundo. (ibidem, p. 118)

Temos, portanto, uma abordagem singular sobre os versos de Drummond, em se tratando da fortuna crítica drummondiana produzida até fins dos anos 80. Singular, pois não compreende o *gauche* ou a dramática insuficiência como categorias dinâmicas, isto é, que **não** se apresentam de maneira igual ou estanque ao leitor em qualquer poema; há uma “variação” que permite a Villaça chamar a estas mudanças (às vezes bruscas, às vezes sutis, dentro de uma mesma categoria) de “estratégia estilística” (ibidem, p. 57) frente ao mundo:

A rigor, esses movimentos que aqui esboçamos não serão propriamente abandonados pelo poeta, até o fim da sua vida: sua poesia, essencialmente dialética, saberá manter-se como jogo de tensões básicas, variando na medida em que varie a predominância de um pólo sobre o outro. Falemos sempre em *predomínio*, com o cuidado de não absolutizar as “soluções” brandidas pelo poeta num poema, num livro, num momento de sua poesia, que implicam sempre mais uma velada e problemática contrapartida, essencial para a interpretação. (ibidem, p. 19) (grifo meu)

Isto ocorre porque a análise realiza-se no interior do texto para só após bem detalhadas as coisas ir-se para a interpretação global. Trata-se de dois movimentos em suas reflexões: um, específico, pois só afirma o que de fato e de direito encontra nos textos de Drummond; o outro movimento é geral, uma vez que, a partir dos elementos configuradores do poema, percebe que estes guardam profunda

relação com problemas sociais do país e do mundo; vejamos este trecho de sua análise de um poema central de *Claro enigma*:

Poema brasileiro dos anos 50, “A máquina do mundo” continua muito a dizer-nos muito sobre as ilusões do Iluminismo mais arrogante, das pretensões totalizadoras, das promessas de que, em algum lugar, concentra-se toda a nossa verdade — verdade que nos oferece, chamando-nos para dentro de si mesma, com recursos refinados de persuasão e propaganda. Nos anos da Guerra Fria, o poeta mineiro recém-desenganado da ordem e da paz mundial, recém-renunciante aos símbolos socialistas de *A rosa do povo*, burocrata maduro e intelectual burguês, o poeta mineiro buscava simbolicamente sua estrada de origem, seu atávico gauchismo, fazendo deste não mais uma pedra de toque dentro do humor modernista, mas um símbolo clássico, perene e... paradoxal de seu trágico desajustamento. (VILLAÇA, p. 105-106)

A organização do livro procura evitar que se caia na tentação “empobrecedora” de os leitores se fixarem em um livro de Drummond ou na “fase” do poeta que mais lhe agrada. Este alerta do ensaísta pode ser traduzido como um convite, conforme afirmado, à leitura integral em seqüência da obra, o que é bastante produtivo e prazeroso. Villaça faz tal afirmação porque estrutura seu pensamento em torno de categorias-chave da obra drummondiana, as quais estão interligadas tanto num sentido cronológico quanto nas relações tensas e inconstantes das categorias em si como entre si próprias.

Os breves comentários a *Passos de Drummond* não pretendem dar conta do grau de importância para os estudos sobre o escritor mineiro. Ela surge como obra calcada em rigor analítico, manejo dos mais conscientes da fortuna crítica do poeta, de problemas e impasses em torno de seus poemas. Características que reservam a estes cinco ensaios uma posição de referência para se trilhar parte das estradas pedregosas de Carlos Drummond de Andrade.

Referências Bibliográficas

VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

WISNIK, José Miguel. Drummond e o mundo. In: NOVAES, Aduino. (Org.). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2005, p. 63.

Recebido em 25 de junho de 2008

Aprovado em 28 de julho de 2008